ATIVIDADE PRÁTICA

Atividade 20 – "Tu não precisas de fazer..."

EXPLORAR
REFLETIR
(RE)CRIAR

1. Leiam o texto seguinte.

por Carrie Gilmer | *Future Reflections* / Outono de 2007

Reprodução do número de março de 2007 de *Expectations*, o boletim da *Minnesota Parents of Blind Children*.

Traduzido por Aquilino Rodrigues

Nota do Editor: Carrie Gilmer é uma mãe empreendedora e eloquente, dirigente da *National Organization of Parents of Blind Children* (Organização Nacional de Pais de Crianças Cegas, EUA). Neste editorial, originalmente chamado "O Poder das Expectativas", Carrie examina a importância das expectativas mesmo em acontecimentos banais da vida diária que, na altura em que acontecem, parecem inconsequentes. Diz Carrie:

Minnesota Parents of Blind Children

Cinco palavrinhas apenas, "Tu não precisas de fazer..." Que prejuízo pode advir de uma tão inocente complacência? No fundo, ela provém da mais genuína e generosa intenção, correto? Esta tarefa, seja ela qual for, é difícil para ti, por isso, não precisas de a fazer. Pacífico e justo.

Recentemente o meu filho Jordan foi dispensado de um trabalho escolar com as palavras "Tu não precisas de fazer." A turma tinha de ver um filme e responder a algumas perguntas escritas numa folha, à medida que iam vendo o vídeo. Foi uma tarefa acrescentada à última hora para tentar prender a atenção dos alunos, ultimamente algo agitados. Consequentemente, o questionário não estava disponível em *Braille*.

O Jordan vê o suficiente para acompanhar um filme num ecrã separado. Com a cara praticamente colada ao ecrã, ele tenta acompanhar o que consegue — o que não é muito. Também consegue ler texto normal com ampliação (tal como o referido questionário), embora a sua leitura seja muito lenta.

Julgando que seria muito difícil para o Jordan ler o texto e, ao mesmo tempo, acompanhar o filme no ecrã — e considerando que o Jordan é uma criança responsável e muito atenta –, a professora decidiu dispensar o Jordan do questionário.

A sua proposta: "Todos estão a fazer este questionário, Jordan, mas eu sei que tu prestas atenção e sei que é difícil para ti, por isso não precisas de fazer se não quiseres."

O Jordan, pelo seu lado, adotou de imediato esta lógica e aceitou de bom grado a oferta de "não ter que fazer".

De início, pensei que ele tivesse sido dispensado devido à falta do texto em *Braille*. Quando a professora explicou o que se passara (numa conferência ocorrida poucos dias depois de sabermos do incidente), o meu marido e eu indicámos à professora que compreendíamos e aceitávamos a explicação dada, de que o texto a tinta poderia de facto desviar do filme a atenção do Jordan. O assunto ocupou uma boa parte do tempo da conferência e, assim, depois de ouvir da professora a sua versão da sequência de acontecimentos, fomos andando. Foi só depois de partirmos que me debrucei mais a fundo sobre o assunto.

Comecei por me questionar sobre algumas coisas. Não teriam os outros estudantes que tirar os seus olhos do filme para ler as perguntas e escrever as suas respostas? E não poderia isto levar também os alunos normovisuais a perder partes do filme ao concentrarem-se na resposta às perguntas? É certo que o poderiam fazer mais rápido que o Jordan, mas ainda assim ...

Dei por mim a imaginar o que poderiam o Jordan ou a professora ter decidido fazer se a ideia de que "ele não precisa de fazer" fosse completamente impensável ou inaceitável – nem mesmo no campo das possibilidades. E se, logo no início, um colega tivesse lido as perguntas ao Jordan para ele as anotar no seu *BrailleNote*? Teria levado menos de cinco minutos a fazer isto. Com isto, o Jordan poderia "colar-se" ao ecrã e seguir o filme sem interrupções, lendo a linha *Braille* e escrevendo com as mãos no *Braillenote*. Ele teria, aí, as melhores condições, em toda a turma, para se concentrar a fundo no filme.

E se ele tivesse levado a folha para casa e respondesse às perguntas ao fim do dia, com a memória do filme ainda fresca?

Tudo isto me estava a perturbar, e eu transmitia ao Jordan essa preocupação, achando que ele devia estar ainda mais incomodado do que eu. Afinal, fora ele quem fora roubado. Eu disse roubado? Sim, roubado! Apesar de a intenção da professora ao criar a tarefa ter sido, apenas, a de motivar a turma para prestar atenção ao filme, ela acabou por se tornar numa excelente oportunidade de aprendizagem. Ao cumprir a tarefa, os alunos tiveram de se concentrar no filme, analisá-lo e construir as respostas. Isto envolve uma série de competências. Todos tiveram oportunidade para trabalhar essas competências, mesmo sem estarem conscientes disso. Todos menos o Jordan. Ele limitou-se a assistir passivamente ao filme. Não teve estímulo que o levasse a analisar algum aspeto mais profundamente, nem oportunidade para praticar a exposição das suas ideias. Ele foi dispensado por uma falsa ideia de sentido de justiça, mas que, na realidade, lhe roubou uma oportunidade de aprendizagem.

Para além disso, que ideia transmitiu aos colegas de turma do Jordan "ele não precisar de fazer"? Esta questão acabou por tocar o Jordan e ele reconheceu que tinha, afinal, grande importância. Como podem os colegas ver-te como igual se tu "não precisas de fazer" porque, seja lá o que for que não precises de fazer, é (ou parece ser) difícil para ti?

Quantas vezes encontrei crianças que não precisavam de usar as suas bengalas, atar os sapatos, aprender a ler Braille, ser pontual, ou, no geral, terem que fazer as mesmas coisas no mesmo tempo que as outras crianças da mesma idade ou capacidade? Lamento ter de dizer que não foram poucas as vezes. Eles não precisavam de fazer... por isso, não faziam!

Quer criar uma criança cega capaz de competir com os seus pares? Então, risque as palavras "tu não precisas de fazer" do seu vocabulário.

Fim do documento.

ATIVIDADE:

Imagine que os pais do Jordan pedem uma segunda reunião com a professora para voltar a falar sobre o incidente. Nesse encontro, a docente faz-se acompanhar do **Mediador** da escola. De que forma poderá ter argumentado o Mediador para resolver este conflito?

Registe o seu trabalho na folha de resposta disponibilizada e submeta nesta plataforma.